

Excursão na Teologia Natural (Parte 1): Crença em Deus como Propriamente Básica

Seção 04 / Aula 01

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 22/04/2024, 18:00:16 (horário de São Paulo)

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

Introdução à teologia natural

Hoje estamos nos voltando para uma nova seção em nossa pesquisa da doutrina cristã. Estamos no meio do estudo da doutrina de Deus. Concluimos nossa subseção sobre os atributos de Deus. Agora quero passar para uma excursão sobre teologia natural. Deixaremos nosso esboço doutrinário e faremos uma excursão pelo tema da teologia natural. E temos alguns esboços para orientá-lo em suas anotações sobre isso. Então, se você levantar a mão, Marian, nós lhe daremos um esboço tanto para as excursões gerais quanto para o tópico que vamos começar hoje. O que é teologia natural? A teologia natural pode ser definida como aquele ramo da teologia cristã que procura explorar a justificação das reivindicações de verdade do cristianismo, independentemente dos recursos da revelação divina autorizada.

Ele explora que garantia existe para as afirmações da verdade cristã sem apelar para Escrituras inspiradas e autorizadas. As Escrituras ainda podem ser consideradas simplesmente como documentos históricos humanos para obter informações históricas, mas não serão consideradas autorizadas ou revelação de Deus. Então a teologia natural, como o nome sugere, é o que podemos aprender sobre a existência de Deus independentemente dos recursos da revelação divina autorizada. Bem, alguém poderia perguntar como os argumentos da teologia natural podem ser relacionados com a revelação geral? Você deve se lembrar que em nosso estudo da doutrina da revelação vimos que Deus se revelou tanto de maneira geral na natureza e na consciência, como também especialmente em sua Palavra e em Jesus Cristo.

Através da revelação geral de Deus na natureza e na consciência, podemos ter um conhecimento geral de Deus como o Criador e Sustentador do universo. Os argumentos da teologia natural são iguais aos da revelação geral? Eu não acho. A revelação geral de Deus é a sua auto-revelação no mundo criado que ele criou. São, por assim dizer, as impressões digitais do oleiro no barro ou os traços reveladores do artista na pintura que fez. É a sua auto-revelação para nós na ordem criada. A teologia natural é o resultado da reflexão humana na ordem criada e na revelação geral de Deus. Os argumentos da teologia natural são construções humanas. Eles não são dados divinamente. Portanto, eles são falíveis e podem muito bem ser errôneos. Cada geração será chamada a remodelar, atualizar e desenvolver argumentos para a existência de Deus com base no conhecimento que possuem.

Portanto, a teologia natural não é estática. É um projeto em evolução que se renova constantemente. Portanto, você pode sentir-se à vontade para discordar de qualquer um dos argumentos compartilhados nesta seção sobre teologia natural. Eles não são concedidos divinamente. Se você acha que esses argumentos são fracos ou ruins, sinta-se à vontade para

rejeitá-los. Mas espero que pense que pelo menos alguns destes argumentos são argumentos muito bons a favor da existência de Deus. Houve um renascimento do interesse pelo tema da teologia natural ao longo do último meio século na filosofia anglo-americana. Como resultado do renascimento da filosofia cristã que tem ocorrido nas últimas décadas, também houve interesse renovado no projeto da teologia natural – de desenvolver argumentos para a existência de Deus. Na verdade, vejo aqui na estante uma dessas manifestações desse interesse.

Este é o Blackwell Companion to Natural Theology publicado por Wiley-Blackwell em Oxford, no Reino Unido. Este é um volume de tamanho considerável, como você pode ver, que contém ensaios de onze filósofos diferentes sobre diferentes argumentos a favor da existência de Deus. Esta é uma das teologias naturais mais sofisticadas que estão disponíveis hoje. Este não é um livro para iniciantes. Se você é iniciante, pode começar com algo como *On Guard*. Mas este é um assunto para filósofos, teólogos e cientistas profissionais. Em nosso estudo nesta aula, estudaremos principalmente cinco argumentos para a existência de Deus que trabalhei pessoalmente e defendi e considero especialmente interessantes. Mas, como indica o Blackwell Companion, há muitos mais também.

Uma defesa cumulativa

Agora, ao estudar a teologia natural, quero enfatizar a importância de desenvolver um caso cumulativo para a existência de Deus. Não deveríamos pensar que a existência de Deus depende da força de um único argumento. Em vez disso, deveríamos pensar nos argumentos como fornecendo provas cumulativas. Cada argumento reforça os outros, de modo que a defesa cumulativa da existência de Deus, penso eu, é muito forte. Isto é importante porque mesmo que um argumento tomado isoladamente não seja um argumento muito forte, no entanto, poderia ser parte de um caso cumulativo a favor da existência de Deus que justificaria a crença em Deus. Penso que a analogia perfeita aqui seria um caso construído num tribunal onde a acusação apresentará todo o tipo de provas para tentar demonstrar que o acusado é culpado. Qualquer evidência isolada pode não ser convincente.

A evidência das impressões digitais poderia ser explicada. O depoimento da testemunha ocular pode não ser decisivo. Talvez consigam identificar uma motivação que teria levado a pessoa a cometer o crime, mas que por si só não serviria para condenar. No entanto, no seu conjunto, a força cumulativa de todas estas considerações poderia fazer com que ficasse além de qualquer dúvida razoável que o acusado é culpado. Exatamente da mesma maneira, estes argumentos não devem ser considerados isoladamente, mas antes como parte de um caso cumulativo. Por exemplo, o argumento ontológico pode parecer-lhe baseado numa premissa que é razoável e plausível, mas não é algo que você possa concluir que você tem uma razão suficientemente convincente para acreditar. Você poderia facilmente negar isso.

Ou você pode pensar que o argumento cosmológico do início do universo, tomado por si só, não provaria que Deus existe, mas talvez tomado em conjunto com o argumento do ajuste fino do universo, a combinação do início do universo e seu incrível ajuste fino levaria você a pensar que é mais plausível do que não, que exista um criador e designer pessoal do universo. Você pode pensar que o argumento moral por si só pode não tornar suficiente acreditar em Deus, mas você pode pensar que o argumento moral tomado em conjunto com o argumento da contingência e o argumento ontológico apresentam uma boa defesa para a crença em Deus. Portanto, não pense

nos argumentos da Teologia Natural como elos de uma corrente. Uma corrente é tão forte quanto o seu elo mais fraco.

Ao invés disso, pense nos argumentos da Teologia Natural como uma cota de malha onde a cota de malha é mais forte do que qualquer elo único, porque todos os elos se reforçam mutuamente, de modo que a cota de malha pode ser muito forte, mesmo que haja elos individuais nela que são mais fracos. No entanto, ao apresentar estes argumentos, parece-me que se cada argumento puder ser demonstrado isoladamente como um bom argumento para a existência de Deus, então sua defesa cumulativa será ainda mais poderosa. Certo? Se a prova de DNA for decisiva para a culpa do acusado e você também tiver depoimentos de testemunhas oculares independentes de pessoas que estavam em posição de ver o que aconteceu e você tiver, digamos, provas de vídeo do gravador da pessoa que realmente cometeu o crime, qualquer um deles seria suficiente para a condenação.

Tomados em conjunto, eles constituem uma defesa cumulativa realmente esmagadora. O que tentei fazer ao defender esses argumentos foi considerá-los isolados e mostrar como cada um, mesmo tomado isoladamente, é um bom argumento. Então, tanto mais forte quando faz parte de uma defesa cumulativa.

Condições de um bom argumento

Bem, eu formulo os argumentos dedutivamente para o propósito de simplicidade e clareza. Isto é, eu as formulo em termos de algumas premissas simples que levam então, logicamente, a uma conclusão. E a vantagem de fazer assim é, como eu disse, os torna muito simples de entender, fáceis de memorizar e usar, e isso os torna muito claros. Você pode perguntar à pessoa que é cética em relação a ela qual premissa ela rejeita e por quê, porque se ela não consegue identificar uma premissa falsa, então, se o argumento for logicamente válido, ela terá que concordar com a conclusão. Então, nesses argumentos dedutivos, o que temos de fazer é formular argumentos que satisfaçam uma série de condições para serem um bom argumento. Em primeiro lugar, o argumento precisa ser logicamente válido. Isto é, a conclusão precisa seguir as premissas de acordo com as regras da lógica.

Existem apenas cerca de nove regras básicas de inferência que governam todo o raciocínio. Podemos construir argumentos para a existência de Deus usando estas regras de lógica para tirar conclusões. E assim um bom argumento dedutivo precisará obedecer às regras da lógica. Precisa ser logicamente válido. Mas, além disso, o argumento também precisa ser sólido. Ou seja, as premissas do argumento precisam ser verdadeiras. Não basta apenas ter um argumento logicamente válido; também precisa ter premissas verdadeiras. E se você tiver um argumento que obedece às regras da lógica e tem premissas verdadeiras, então é garantido que a conclusão é verdadeira. A conclusão segue necessariamente as regras da lógica das premissas verdadeiras e, portanto, também é verdadeira. Mas não basta apenas ter um argumento válido e sólido.

As premissas também precisam ter algum tipo de garantia para nós ou algum tipo de evidência pela qual saibamos que são verdadeiras. Caso contrário, é trivialmente fácil formular argumentos a favor da existência de Deus. Por exemplo, você poderia ter um argumento como este: 1. Ou a lua é feita de queijo verde ou Deus existe. 2. A lua não é feita de queijo verde. 3. Portanto Deus existe. Agora, esse é um argumento dedutivo sólido. Cada uma das premissas é

verdadeira. Ou a lua é feita de queijo verde ou Deus existe. Como Deus existe, essa premissa é verdadeira. Para que uma disjunção seja verdadeira, apenas uma das afirmações ou-ou precisa ser verdadeira. A segunda afirmação é verdadeira – a lua não é feita de queijo verde. Portanto, segue-se logicamente que Deus existe. Então este é um bom argumento para a existência de Deus? Não acho que você encontrará isso em nenhum livro de apologética.

Por que? Porque a única razão pela qual você acreditaria na primeira premissa é porque você já acredita na conclusão. A única razão pela qual você acredita que a lua é feita de queijo verde ou que Deus existe é porque você acredita na conclusão “Deus existe”. Você está raciocinando em círculo. Isso é chamado de “petição de princípio” ou “raciocínio circular”. A razão para acreditar nas premissas não pode ser porque você acredita na conclusão, ou você é culpado de petição de princípio. Você precisa ter algum tipo de evidência para a verdade das premissas (por considerá-las verdadeiras). É aqui que a coisa fica controversa. De quanta evidência você precisa para acreditar que as premissas são verdadeiras? Muitas vezes os ateus exigirão que você tenha evidências extremamente convincentes da veracidade das premissas.

Se até mesmo for racional não acreditar na premissa, então o argumento é um fracasso. Para que um argumento seja bem-sucedido (eles afirmam) a evidência deve obrigar a crença nas premissas. Mas penso que a vasta, vasta maioria dos filósofos diria que isso coloca a fasquia do sucesso demasiado alta. Nesse caso, não há argumentos bem sucedidos para qualquer coisa significativa ou importante. Para que a crença nas premissas seja justificada ou garantida, elas não precisam ser certas ou as evidências não precisam ser convincentes. Então, quão fortes devem ser as evidências para as premissas? Isto é controverso, é difícil dizer, algumas pessoas diriam que desde que a evidência seja apenas suficiente para lhe dar permissão para acreditar nas premissas – isso é suficiente para você ter um bom argumento e para que sua crença seja racional.

Se a evidência for tal que você tem permissão de acreditar por meio das evidências, então isso é suficiente. Estou inclinado a uma visão um pouco mais forte para dizer que a evidência deveria tornar as premissas mais plausíveis do que suas negações. Se a evidência fizer as premissas serem mais plausíveis do que suas contradições, então a pessoa racional deve acreditar nas premissas e não nas contradições. Portanto, eles não precisam ter certeza. Eles não precisam ser altamente plausíveis. Eles só precisam ser mais plausíveis que seus opostos. Alguns dirão que isso não é suficiente para um bom argumento porque talvez cada premissa tomada individualmente seja mais plausível do que a sua negação mas mesmo assim quando você considera as premissas coletivamente talvez não sejam mais plausíveis do que a negação de todos eles.

Poderia ser esse o caso, mas creio que você encontrará nos argumentos que apresento que também atingiremos esse padrão um pouco mais elevado. Por exemplo, no Argumento Cosmológico Kalam que afirma: 1. Tudo o que começa a existir tem uma causa. 2. O universo começou a existir. 3. Portanto o universo tem uma causa. Parece-me que a primeira premissa “Tudo o que começa a existir tem uma causa” é virtualmente certa, de modo que o verdadeiro cerne do argumento será a plausibilidade da segunda premissa – que o universo começou a existir. A plausibilidade, a bondade ou a força do argumento não serão reduzidas por qualquer incerteza presente na primeira premissa o que, na minha opinião, é racionalmente convincente.

Esses são apenas alguns pensamentos aleatórios sobre a Teologia Natural e a construção de uma defesa para a existência de Deus. Há alguma dúvida sobre o que foi dito até aqui?

Crença em Deus e epistemologia reformada

Por meio de introdução, este não é realmente um argumento a favor da existência de Deus; em vez disso, é a afirmação de que você pode saber que Deus existe totalmente independente de argumentos. Isso ainda faz parte da Teologia Natural, Eu acho que, porque o que está sendo discutido é que a crença em Deus pode ser racional e garantida à parte das Escrituras de acordo com a razão natural, então não precisa ter argumentos. O principal defensor deste ponto de vista hoje é o grande filósofo Alvin Plantinga, que fazia parte da Universidade de Notre Dame, atualmente agora aposentado. Ele tem um livro que eu recomendo chamado "Conhecimento e Crença Cristã". O que Plantinga argumenta é que a crença em Deus pode ser garantida (e é garantido) totalmente independente de argumentos.

Plantinga deixa claro neste livro que ele pensa que quando você considera os argumentos para a existência de Deus é mais do que provável que Deus exista. A probabilidade baseada apenas nos argumentos é que existe um Deus. Mas embora ele pense que os argumentos são suficientes para justificar e garantir a crença em Deus, eles não são necessários. Você pode ter uma crença racional garantida em Deus totalmente independente de argumentos. Plantinga chama isso de Epistemologia Reformada, em homenagem ao reformador João Calvino. Epistemologia Reformada. Vejamos isso mais especificamente. Coloquei isso na forma de um argumento, embora este não seja um argumento a favor da existência de Deus. É um argumento que a crença em Deus pode ser justificado totalmente à parte de argumentos. Este é um argumento para considerar a crença em Deus como propriamente básica.

Crenças básicas e experiência

A primeira premissa é: Crenças adequadamente fundamentadas podem ser racionalmente aceitas como crenças básicas não fundamentadas em argumentos. Os filósofos chamam as crenças que são racionais de manter, mas não baseadas em argumentos, de "crenças propriamente básicas". Eles não são baseados em outras crenças; em vez disso, fazem parte da base do sistema de crenças de uma pessoa. Exemplos de crenças propriamente básicas seriam coisas como a crença na realidade do passado (que o mundo não foi criado há cinco minutos com aparências de idade embutidas), a crença na existência do mundo externo ao seu redor, a crença na presença de outras mentes como a sua. Agora, quando você pensa sobre isso, nenhuma dessas crenças pode ser provada com base em argumentos. Como você poderia provar que o mundo não foi criado há cinco minutos, com traços de idade embutidos?

Como cafés da manhã, em nossos estômagos que nunca comemos e traços de memória em nossos cérebros de eventos que nunca vivenciamos? Como você poderia provar que não é um cérebro em um tanque de produtos químicos conectados com eletrodos por algum cientista maluco que está estimulando você a acreditar que está aqui nesta aula ouvindo esta lição? Na verdade, ele poderia estar estimulando seu cérebro para fazer você pensar que é absurdo que você seja um cérebro em um tanque de produtos químicos sendo estimulado por um cientista maluco. Como você poderia provar que outras pessoas realmente têm uma vida mental interior como a sua? Que eles não são apenas como os andróides Data que dão todas as aparências

externas de um indivíduo com uma vida mental, mas na verdade são apenas autômatos semelhantes a robôs sem alma? Não há como provar esse tipo de crença.

Em vez disso, estas são simplesmente crenças básicas que temos e que estão na base do nosso sistema de crenças. Embora essas crenças sejam básicas para nós (não baseadas em argumentos), isso não significa que sejam arbitrárias. Em vez disso, esses tipos de crenças baseiam-se no fato de serem formadas no contexto de certas experiências. Por exemplo, no contexto experiencial de ver, ouvir e sentir coisas, naturalmente, formo a crença de que existe um mundo de objetos físicos ao meu redor que estou sentindo. Assim, minhas crenças básicas não são arbitrárias, mas adequadamente fundamentadas na experiência. Pode não haver maneira de provar tais crenças, mas você é perfeitamente racional em mantê-las. Na verdade, você teria que ser louco para pensar que o mundo foi criado cinco minutos atrás ou que você é um cérebro numa cuba!

Esses tipos de crenças não são meramente básicas, mas são propriamente básicas por causa de sua base na experiência.

Discussão sobre crenças propriamente básicas

Agora, há algum comentário ou pergunta sobre esse primeiro ponto sobre o que é uma crença propriamente básica e o papel que desempenham em nossa vida cognitiva? Sim. Vamos levar o microfone até Eric aqui. Aluno: Fiquei curioso, como você defenderia um sistema de crenças adequadamente básico, como realidade do mundo para alguém com a mentalidade mais oriental. Pode-se dizer que o mundo é na verdade uma ilusão nós apenas... você sabe, não somos cérebros em um cuba, mas espíritos experimentando a ilusão de um mundo. Craig: Você está certo, Eric. Quero dizer, isto é o que o budista ou o hindu pensam – que este mundo é Maya, ou o reino da ilusão. Acho que em resposta a esse tipo de pessoa, é exatamente assim que você deve responder. Você não tenta defender a realidade do mundo externo. Isso será inútil porque qualquer evidência a que você recorrer será do mundo externo.

Então, o que você diz ao budista ou ao hindu é que esta é uma crença propriamente básica (e falaremos sobre anuladores mais tarde). E na ausência de qualquer anulador desta crença, sou perfeitamente racional em seguir a minha experiência e aceitá-la como verídica. Portanto, a pessoa que afirma que você é vítima dessa ilusão massiva tem um tremendo ônus de prova, de fornecer algum anulador dessa crença. E os budistas e os hindus tentaram fazer isso. Eles tentaram propor esses quebra-cabeças chamados koans – como o som de uma mão batendo palmas. Quando você pensa sobre isso, supostamente demonstra o absurdo da razão e do mundo que nos rodeia. Mas acho que tudo isso poderia ser resolvido. Não são argumentos convincentes. Portanto, somos perfeitamente racionais diante do budismo ou do hinduísmo ao aceitarmos a nossa experiência do mundo externo como verídica.

Então direi algo mais sobre os anuladores mais tarde, mas isso entra aqui. Não pense que porque uma crença é propriamente básica ela é indubitável ou inderrotável. Aluno: Com os budistas você também poderia perguntar como eles sabem que existem. Isso é propriamente básico. Isso é totalmente subjetivo. A seguir você poderia perguntar: você tem um cronograma? Você tem um calendário? Você tem um relógio? Craig: Sim. Acho que o que Bruce está enfatizando é que você também pode tentar anular a crença dele, mostrando incoerências ou a inviabilidade dela - a impossibilidade prática de conviver com isso. Então, porquê adotar tal

ponto de vista na ausência de bons argumentos a seu favor? Aluno: Ninguém jamais viveria sua vida com isso ou com o evolucionista. Ninguém jamais viveria sua vida com isso. O evolucionista nunca viveria a sua vida com tais improbabilidades.

Craig: Como Ravi Zacharias sempre disse: Quando estou na Índia, se saio na rua, sou eu ou o ônibus. Não é ambos! Até o hindu ou o budista vivem de acordo com a lei de contradição e reconhece a realidade do mundo externo. Aluno: Bill, um, se um ateu insistisse que o ateísmo era propriamente básico, como acho que Ayn Rand faria se estivesse viva hoje? Craig: Eu gostaria de ouvir isso. Muitas vezes me perguntei sobre isso. Não conheço nenhum ateu que diga isso porque é difícil para o ateísmo pensar em que tipo de experiência faria a crença na inexistência de Deus propriamente básica. Como veremos quando chegar à premissa (2), o teísta (e particularmente o cristão) pode dizer que a crença em Deus é propriamente básica por causa do testemunho do Espírito Santo ao seu próprio espírito. E assim ele tem um mecanismo para fundamentar a crença na existência de Deus.

Mas não consigo ver o que o ateu poderia dizer. Talvez o ateu pudesse dizer: Confrontado com males horrendos e sofrimento no mundo, é simplesmente básico que Deus não existe. Mas se é isso que ele diz, então os filósofos cristãos podem oferecer anuladores disso, mostrando que não há incoerência na crença de um Deus todo-poderoso e todo-amoroso e na existência de um mal horrendo. Penso que o projeto de afirmar que o ateísmo é propriamente básico tem perspectivas muito sombrias devido à falta de qualquer tipo de mecanismo para o fundamentar adequadamente. Lembre-se de que precisa ser adequadamente básico – precisa ser devidamente fundamentado.

O testemunho do Espírito e encerramento

Tudo bem, vamos para o segundo ponto então, que é. Crer no Deus bíblico ou que o Deus bíblico existe está devidamente fundamentado. Esta é a forma como as pessoas na Bíblia conheciam Deus, como explica o professor John Hick (que foi meu mentor de doutorado)^[1], abre aspas: "Deus era conhecido por eles como uma vontade dinâmica interagindo com suas próprias vontades, uma realidade pura e dada, que inevitavelmente deveria ser levada em conta, como uma tempestade destrutiva e um sol vivificante. Eles não pensavam em Deus como uma entidade inferida, mas como uma realidade vivenciada. Para eles, Deus não era uma ideia adotada pela mente, mas uma realidade experiencial que deu significado às suas vidas." Fecha aspas. Portanto, o que o professor Hick está dizendo é que, para os crentes bíblicos, Deus era uma realidade vivenciada, não a conclusão de um silogismo.

E quero argumentar que, de fato, a crença na existência de Deus está adequadamente fundamentada na experiência de Deus através do testemunho do Espírito Santo. Agora, em vez de mergulharmos nisso neste momento, terminaremos um pouco mais cedo hoje, mas com a nota promissória de que da próxima vez que estivermos juntos, olharemos para o testemunho interior do Espírito Santo, como isso garante a crença em Deus (na verdade, no Deus cristão) para o crente, e também argumentarei para o incrédulo. Depois falaremos sobre a questão dos anuladores desta crença e como ela se relacionará com eles. Então vamos guardar isso até a próxima vez. Vamos apenas nos curvar para uma palavra de bênção neste momento.

“Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos o nosso Senhor Jesus, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, aperfeiçoe vocês em todo o bem, para que

possam fazer a vontade dele. Que ele opere em nós o que é agradável diante dele, por meio de Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!”

Referências

William Lane Craig. Lecture 1: Reformed Epistemology. Defenders 3, Excursus on Natural Theology. Reasonable Faith, 2015. PDF oficial, p. 3–11.

Bíblia Sagrada, Nova Almeida Atualizada. Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

John Hick. “Introduction”. Em: The Existence of God. Problems of Philosophy Series. New York: Macmillan Publishing Co., 1964. p. 13-14.

The Blackwell Companion to Natural Theology. Oxford: Wiley-Blackwell. Obra mencionada na aula.

Alvin Plantinga. Warranted Christian Belief. Obra recomendada na aula; referida em português como Conhecimento e Crença Cristã.

William Lane Craig. On Guard. Obra recomendada na aula.

Notas editoriais da revisão

[1] John Hick, “Introduction”, em The Existence of God, Problems of Philosophy Series (New York: Macmillan Publishing Co., 1964), p. 13-14. Referência indicada na nota6 do original inglês.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2015 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-1/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-1/>